



A MÍMESIS COMO MEDIADORA ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Maria Clara Leadebal Celestino ¹

RESUMO

Buscando repensar a relação entre Geografia e Literatura, anteriormente apartadas pelo projeto de Modernidade, e entendendo que seus propósitos se distinguem, vislumbra-se a necessidade de um mediador para sua aproximação. Para tal, será utilizado o conceito de mimesis de Luiz Costa Lima como um recurso para abordar o objeto desta pesquisa. Este é materializado pela obra literária Torto Arado de Itamar Vieira Junior, com texto caracterizado por uma riqueza tamanha que impactou o cenário artístico brasileiro. O autor e geógrafo possui uma trajetória acadêmica e profissional que enriquecem seu processo criativo, sendo ponto-chave de compreensão do caráter autêntico da obra. Neste sentido, Torto Arado traz abordagens geográficas a serem desvendadas neste texto, principalmente no que se refere ao papel da terra e a centralidade do corpo na narrativa.

Palavras-chave: Corpo, Terra, Geografia e Literatura, Mimesis.

RESUMEN

Buscando repensar la relación entre Geografía y Literatura, previamente separadas por el proyecto de Modernidad, y entendiendo que sus propósitos difieren, vemos la necesidad de un mediador para una aproximación. Para eso, se utilizará el concepto de mimesis de Luiz Costa Lima como recurso para abordar el objeto de esta investigación. Esto se materializa en la obra literaria Torto Arado de Itamar Vieira Junior, con un texto caracterizado por tal riqueza que impactó en la escena artística brasileña. El autor y geógrafo tiene una trayectoria académica y profesional que enriquece su proceso creativo, siendo un punto clave para comprender el carácter auténtico de la obra. En este sentido, Torto Arado trae enfoques geográficos a ser desvendados en este texto, especialmente en lo que se refiere al papel de la tierra y la centralidad del cuerpo en la narrativa.

Palabras clave: Cuerpo, Tierra, Geografía y Literatura, Mimesis.

INTRODUÇÃO

A Geografia desde sua etimologia está conectada com a “escrita sobre a terra”, embora comumente associemos de forma mais específica à descrição conforme os gregos, segundo apontamentos de Henry Darby (2020). Ainda assim, para muitos

¹ Mestranda pelo Curso de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, mclaral1@hotmail.com;



geógrafos a escrita não é uma questão para a qual se atribui muita atenção. O que não é o caso de Itamar Vieira Junior, que além de profissional da Geografia, é também autor da obra literária “Torto Arado”(2021).

Neste livro, seu olhar geográfico é acentuado ao narrar sobre a vida de Bibiana e Belonísia, duas irmãs negras na rural Chapada da Diamantina que se veem ainda mais ligadas por um acidente na infância. Abordando temas geográficos que pretendemos investigar nesta pesquisa, Torto Arado se popularizou recentemente no Brasil, onde muitos leitores viram na temática um laço com histórias de vida suas e de seus familiares. Desta forma se encontra o poder da Mimesis: esta obra da imaginação sem intenção de recriar a realidade, mas que dialoga com ela pela rememoração (COSTA LIMA, 2009).

Diante disso, apresentamos nosso principal questionamento: “A partir do conceito de Mimesis, como se dá a compreensão geográfica da Terra e do Corpo na obra Torto Arado do autor e geógrafo Itamar Vieira Junior?”. Visando responder esta pergunta e seu devido recorte, será desenvolvida a pesquisa.

Esta última se justifica a partir da necessidade de repensar os academicismos que isolaram a Geografia das demais ciências e artes, tal como a Literatura. Através da articulação entre estas, vê-se a possibilidade de expansão de horizontes do pensamento geográfico e literário, o que se dá tanto pelas leituras de mundo quanto pela “Escrita sobre a Terra”, aproveitada pela academia e pela sociedade.

Neste sentido, identificamos que Itamar Vieira Junior realiza um trabalho literário sem igual em Torto Arado, com um amplo olhar geográfico e que desde já é considerado um clássico contemporâneo. Isto se deve à autenticidade, relevância e atemporalidade de seu trabalho, que podem ter sido causadas e/ou potencializadas justamente pela sua experiência enquanto geógrafo, conforme pretendemos argumentar através desta pesquisa.

No entanto, por entender que os objetivos de uma ciência e de uma obra literária são evidentemente distintos, buscamos um conceito mediador entre Geografia, uma ciência que pesquisa fatos, e Literatura, uma forma de arte que não possui tal pretensão. Essa distinção justifica a mediação, pois conforme Luiz Costa Lima em entrevistas concedidas a convidados organizadas por Dau Bastos (2010):

Do estrito ponto de vista do conhecimento adquirido, a experiência estética não se compara à científica. Essa tem um caráter cognitivo e, em



consequência, efeitos pragmáticos – entre os quais não é menor o de se tornar um auxiliar poderoso do poder. Em troca, a experiência estética tem a vantagem de, enquanto tal, não permitir uma afirmação dogmática, absoluta, que não admite a contestação. (BASTOS, 2010, p.95)

Assim, para realizar a análise deste livro, será utilizado o conceito de Mimesis de acordo com a teorização do autor supracitado, Costa Lima. Esta obra do imaginário opera uma suspensão do real (BASTOS, 2010, p.52), mas que se apoia nele para a base interpretativa do leitor, fortalecendo assim o diálogo entre ciência e arte.

Desta maneira, tem-se como objetivo geral o estabelecimento de uma reflexão acerca da aproximação entre Geografia e Literatura através do livro “Torto Arado” do autor e geógrafo Itamar Vieira Junior por meio do conceito de Mimesis. Para fins metodológicos, destrincharemos este grande objetivo em específicos, tecendo-lhes na intenção de dar conta das questões identificadas nas justificativas. Então, primeiramente, por meio de revisão bibliográfica, visa-se abordar teoricamente as limitações contemporâneas da Geografia relacionadas ao projeto racionalista de Modernidade e seu conseqüente distanciamento de saberes como a Literatura, utilizando-se do conceito de Mimesis para rearticulá-las. A partir disto, busca-se compreender empiricamente como o romance se mostra geográfico através das relações miméticas, utilizando-nos da análise da obra através de leituras, releituras e fichamentos, além de associações temáticas. Para tal, este último momento será repartido em dois eixos: um voltado para a Terra, incluindo as questões de campesinato da narrativa, e outro para o Corpo, enquanto um elemento central para o desenvolvimento de Torto Arado.

Estes eixos permitirão refletir através do conceito de mimesis estes temas geográficos enquanto constituintes do texto literário, conciliando ciência e arte. Essa aproximação parte da negação da fragmentação racional do projeto moderno do conhecimento e permite a expansão de horizontes para a Geografia e para a Literatura, assim como para seus leitores que não necessariamente se associam direta e especificamente estas.

METODOLOGIA



Derivada da inquietação identificada a partir do afastamento entre Geografia e Literatura, buscou-se estabelecer metodologias de pesquisa que dessem conta de uma investigação no sentido de sua aproximação. Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho foi dividido em alguns momentos metodológicos, como demonstrado pelo fluxograma abaixo (Figura 1).

Assim, estabelece-se inicialmente uma revisão bibliográfica (COSTA LIMA, 2006, 2009; HISSA, 2002; FERNANDES, 2014, entre outros) para compreender as relações entre as supracitadas com base na História do Pensamento Geográfico, bem como para fundamentar teoricamente o conceito mediador de mimesis. Então, pretende-se analisar empiricamente o papel da mimesis na escrita do geógrafo e autor Itamar Vieira Junior em seu livro *Torto Arado* (2021). Esta análise parte de entrevistas cedidas pelo autor a veículos de comunicação e, evidentemente, de leituras, releituras e fichamentos da obra com enfoque nas abordagens geográficas nesta presentes. Dentre estas últimas, foram selecionados temas fundamentais para a obra que exploraremos em dois momentos de pesquisa: o papel da Terra, abordando o campesinato e a vida rural das personagens, e a centralidade do Corpo, que permeia toda a narrativa.

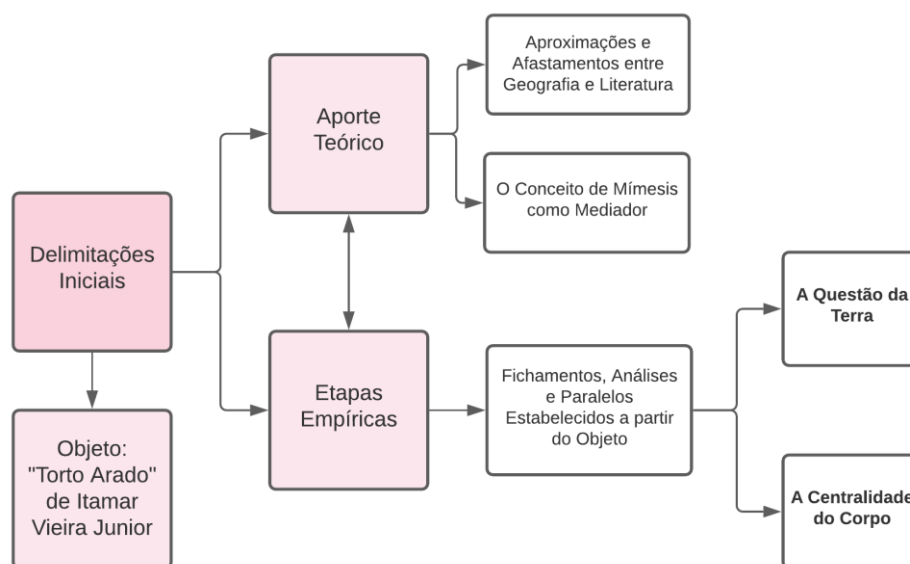


Figura 1: Fluxograma Metodológico



REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, pretende-se abordar a partir de referenciais teóricos, metodológicos e conceituais uma investigação bibliográfica acerca das limitações da Geografia relacionadas ao projeto racionalista de Modernidade e seu conseqüente distanciamento de saberes como a Literatura.

Falamos em um afastamento inicial, pois nem sempre estas foram pensadas em desvinculação. Por exemplo, anteriormente Vidal de La Blache já fazia a sua “ciência artesanal” caracterizada pela sua “(i) escrita literária; (ii) sensibilidade estética ao captar os elementos formadores da paisagem; (iii) ausência de dicotomia entre o homem e a natureza; (iv) reconhecimento da importância dos saberes geográficos locais/tradicionais” (RIBEIRO, 2014, p.13), bem como outros nomes que agregaram aos conhecimentos geográficos como Alexander Von Humboldt. No entanto, foi especialmente dificultado o pensamento científico atrelado ao criar artístico com as contribuições do projeto moderno.

De acordo com Cássio Hissa e Lúcia Gerardi (2001), a Geografia não está isolada dos movimentos do pensamento científico, sendo inculcada de uma diversidade de valores alinhados ao moderno como a busca da objetividade e o pragmatismo. Assim, entende-se por Modernidade o "processo histórico em que também se efetiva o elogio apologético à razão e à técnica" (HISSA; GERARDI, 2001, p.7), sendo a ciência e seu método, que objetiva diferenciá-la dos demais saberes, parte de seu projeto. E é justamente no seio desta Modernidade que a Geografia se institucionaliza no século XIX, criando porém fronteiras que a isolavam demasiadamente, conforme os autores:

Arte e filosofia são apartadas do que passa, no projeto da modernidade, a ser tomado como ciência. O método, muitas vezes qualificado como o "método científico", é o que pretende diferenciar a ciência de outras formas de conhecimento. Ordem é a palavra da modernidade mas, em muitas circunstâncias, contradição e crise são suas conseqüências. É da ideia de ordem, da cultura da ordem, que se originam diversas fraturas, rupturas, compartimentações no campo do saber. Ordenar é classificar, separar. (ibid, p.8)

No entanto, é preciso considerar que essa aporia, enquanto uma tentativa científica de se ater aos fatos, proposta pela Modernidade pode ser levada ao extremo representando mais uma barreira que um filtro de objetividade. Segundo Costa Lima:



Acrescento que a afirmação das aporias constitutivas cria de imediato um outro problema, agora de ordem prática: se cada protocolo discursivo é motivado por sua respectiva aporia, como evitar que essa aporia constitutiva se enrijeça e se torne um obstáculo para que se pense dentro daquele discurso? Esse é, sem dúvida, um risco pelo qual passa qualquer modalidade discursiva. (BASTOS, 2010, p.98)

Assim, as permanências de status do saber especializado e o sonho da inovação técnica dentro da Geografia, bem como a negação da queda dos muros do saber, reforçaria a crise da modernidade aprofundada desde o final da Segunda Guerra Mundial, refletindo então nesta ciência e em seus valores. Porém, em uma abordagem mais otimista é possível perceber que a Geografia possui um lugar privilegiado na integração de saberes, uma vez que esteja disposta a desapegar de suas fronteiras (HISSA; GERARDI, 2001, p.18).

É neste sentido que se põe o surgimento da Geografia Humanista durante os anos 70, com sua valorização do lugar e dos fenômenos vividos, tornando mais poético o pensamento geográfico. Esta corrente tem fortes bases na Fenomenologia, filosofia baseada na crítica ao cientificismo das teorias positivistas e seu apego à objetividade e reducionismo da realidade ao que se percebe com os sentidos (FERNANDES, 2014).

Ressalta-se, porém, que não se ignora aqui a importância da Modernidade e de suas correntes de pensamento para o desenvolvimento da Geografia, bem como da própria Literatura. No entanto, frisamos os riscos do isolamento de conhecimento, bem como de seu enrijecimento.

A partir destes referenciais teóricos, é possível compreender como foi traçado o afastamento entre Geografia e Literatura ao longo da história do pensamento desta ciência. Este é um passo fundamental para entendermos como as justificativas para tal não mais se aplicam para compreender a complexidade do contexto contemporâneo. Ainda mais levando em consideração que os muros erguidos pela Ciência Moderna geram uma hipócrita sacralização — uma vez que um dos objetivos científicos centrais sempre foi a derrubada da “ética dos deuses” (HISSA, 2002), bem como dos mitos infundados — da mesma em relação à sociedade civil, uma vez que soa inalcançável e incompreensível.

Além disso, como Luiz Costa Lima aponta, essa associação interdisciplinar do conhecimento evita sérios riscos para o desenvolvimento dos campos envolvidos como demonstra ao dizer que “Se a distinção dos campos especializados é uma imposição do



próprio desenvolvimento do saber, o extremo cuidado (que não se pratica) está em que essa separação não dê lugar à segregação que sempre conota particularismo, fechamento e cegueira.” (BASTOS, 2010, p.90).

Conforme Mackinder (1942) aborda em seu texto "Geography, an Art and Philosophy", o campo de estudos da Geografia foi concebido por muito tempo como a superfície do planeta, sendo sua interpretação parecida com o mito da caverna de Platão, uma vez que a humanidade, presa em seus corpos mortais, busca entender a Terra tantas vezes pelas sombras na parede da caverna. Essa comparação traz à tona as limitações humanas de compreensão, e não seria diferente com o pensamento fragmentado. Assim, argumentamos que nem sempre a ciência geográfica em seu modo de operação dará conta de comunicar as experiências espaciais nesta Terra. Por isso, o processo criativo se expande para além da aporia científica, e seus autores se dirigem para as possibilidades da linguagem que a Literatura proporciona.

Assim, a Literatura, em especial a contemporânea, tem construído ao longo dos anos um verdadeiro elo com a sociedade como um todo. Isto pode ser evidenciado com o livro *Torto Arado* do autor Itamar Vieira Junior, que se tornou um *Best seller*, título este dado aos livros mais vendidos. Para que se tenha dimensão do impacto da obra, esta vendeu mais de cem mil exemplares, liderando por meses a lista de mais vendidos de ficção da PublishNews², demonstrando sua popularização.

Através da união da estética com questões de caráter político, ao tratar de assuntos como a linha tênue entre a servidão e a escravidão, os ataques de cunho racial e de gênero, dentre outros temas que também despertam indignação e identificação com a realidade, Vieira Junior tece um texto único em tempos e lugares através de suas palavras. Essas questões são enriquecidas, uma vez que o escritor é também geógrafo e em sua obra há elementos de natureza geográfica apreendidos pelo grande público com um nível de facilidade ainda maior do que se lessem um texto científico da área da Geografia.

Porém, é preciso enfatizar que os objetivos da obra literária e do texto acadêmico são evidentemente distintos, e por isso não estabelecemos aqui uma hierarquia. Nossa abordagem propõe que o texto literário pode vir a ser aproximado do conhecimento

2 LISTA Nielsen-PublishNews de Ficção de 28/03/2021. PublishNews. São Paulo, 28 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/nielsen/1/2021/3/28/0/0>. Acesso em: 10 jun. 2021.



geográfico. E isto se dá não porque ele reproduz de forma verossímilante a realidade, uma vez que estamos falando de ficção, mas porque em meio à poética, ele guarda um olhar sobre a realidade de seu autor. E no caso de Itamar Vieira Junior, um olhar geográfico.

Para então traçar a aproximação entre Geografia e Literatura neste trabalho, será utilizado o conceito de Mímesis abordado amplamente nas obras de Luiz Costa Lima que contempla e fundamenta esta perspectiva. Desta forma, assim como o autor (2006) apontava a carência de teorização sobre a Escrita da História e da Literatura através da ferramenta do discurso, indicamos aqui seu conceito mimético como uma alternativa para suprir carências similares no campo de pesquisa da Geografia que se encontra atrelado à Literatura.

A respeito das diferenciações possibilitadas pelo discurso, Costa Lima posiciona que:

Dito isso, acrescentaria: uma rede discursiva é por certo algo temporal. Ou seja, não se pretende que haja modalidades de discurso que sejam universais e de todos os tempos. Contudo, pode-se conceber que os diversos discursos se diferenciam entre si por derivarem de aporias diferenciadas. Sempre haverá uma aporia na base de um desenvolvimento discursivo porque, não havendo uma verdade imanente nas coisas, cada discurso sempre há de partir de um ponto indemonstrável, concebido todavia de tal maneira que não crie, a partir de sua necessária imotivação, um caos. (BASTOS, 2010, p.186)

Assim, é possível compreender que um dos fatores de diferenciação entre a Geografia e a Literatura é a aporia científica da primeira, uma característica própria de seu discurso. Desta forma, o autor (2009) aprofunda sua análise sobre o conceito resgatando-lhe desde Aristóteles e trazendo bastante ênfase à diferenciação entre a *mímesis* e a *imitatio*, uma vez que a *mímesis* não tem a intenção de produzir semelhanças com a realidade através da imitação. Ela estabelece assim uma relação exterior ao autor através dos meios por ele encontrados, utilizando-se daquilo que é conhecido pelos que a consumirão como base para apresentar uma nova possibilidade artística. Nas palavras de Costa Lima: “Para dizê-lo de modo extremamente esquemático: na *mímesis*, o decisivo não é o trabalho que se execute sobre a semelhança – com algo externo –, mas sim a elaboração da diferença que se alcança sobre os parâmetros da semelhança” (BASTOS, 2010, p.164).

Para Luiz Costa Lima (2009), a *mímesis* possui uma origem na evocação e rememoração. No entanto, esta pode partir do engano de seu agente que é colocar seu



referencial como um equivalente universal. Desta forma, é importante considerar que as Ciências Humanas, bem como a própria Geografia, partem de um princípio analítico que pode até vir a considerar particularidades, mas que não coloca estas últimas como universalizantes. Reforçamos assim que não objetivamos aqui realizar uma fusão entre ciência e arte, visto esta dentre tantas outras distinções, mas aproximá-las através da mediação do conceito de mimesis.

Sendo obra da imaginação, a mimesis se põe em aberto, não sendo diretamente afetada pelas concepções de verdade (COSTA LIMA, 2009). Desta forma, ao falarmos de ficção não possuímos o interesse de trazê-la para a esfera do real, uma vez que esta não é a intenção dos autores, além da própria colocação de Luiz Costa Lima: “ao resultar de uma operação que se lastreia na semelhança para chegar à diferença, a ficcionalidade suspende o critério de verdade, que desperta tentativas variadas de neutralizá-la.” (BASTOS, 2010, p.167). Nosso intuito na verdade é, através do conceito apresentado, analisar os potenciais do olhar geográfico presentes na escrita literária. Estabeleceremos assim nos momentos empíricos do texto como isso é passível de análise na obra literária de cunho geográfico selecionada.

Neste seguimento, para compreender o papel da Terra em "Torto Arado" mostra-se de de algum valor explicitar de que forma entendemos a mesma. Esta se constitui além de sua materialidade enquanto chão de plantio, mas também vive na imaginação - e não é à toa que tenha tanto destaque na ficção aqui investigada -, no subjetivo que atribui valor ao habitar, viver, alimentar, trabalhar, e tantos outros movimentos da vida. Conforme Itamar Vieira Junior em sua tese de doutorado, "A Terra molda-se com seus processos e é também moldada pelas ações dos seres que nela habitam" (2017, p.270), evidenciando assim a relação inerente entre a Terra e aqueles que nela realizam sua vida.

E a vida só pode ser concebida nesta Terra através do Corpo. Neste sentido, o corpo não está deslocado do espaço estudado pela Geografia, uma vez que essa experiência espacial é diferente para cada sujeito também pela forma como seus corpos são lidos pelos grupos sociais. E essa leitura pode ser feita, por exemplo, a partir do gênero ou da raça que este corpo apresenta, o que também pode vir a ser vislumbrado no espaço, uma vez que segunda Giulia Marchese, “Pero el cuerpo no solamente ocupa un espacio, el cuerpo es espacio.” (2019, p.24).



Ao ocupar um espaço e ser espaço, o corpo não é apenas um objeto a ser lido, mas também o através que permite a escrita sobre a terra que cria geografias. Esta escrita é realizada ativamente pelas personagens e inspira através da estética seus milhares de leitores a reflexões políticas, aliando geografia e literatura de uma forma que frutifica possibilidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de adentrarmos a obra, percebe-se como valoroso para esta pesquisa conhecer um pouco mais Itamar Vieira Junior no sentido de compreender melhor seu panorama criativo e seguir nossas abordagens a respeito da relevância de sua trajetória profissional e acadêmica para o enriquecimento das relações miméticas presentes em *Torto Arado*. Portanto, é interessante notar que em entrevista ao Programa Roda Viva³, o autor considera sua experiência enquanto geógrafo e servidor do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) como essencial para amadurecer sua escrita, e, ainda que não se prenda a esta realidade para compor sua obra, utiliza-se dos conhecimentos obtidos em suas entrevistas com a população rural com quem trabalhava e pesquisava como fonte engrandecedora de sua obra.

É nesse sentido que concordamos com Luiz Costa Lima em seu livro “História. Ficção. Literatura.” (2006) quando afirma que o texto literário tem uma natureza além do campo linguístico, uma vez que, mesmo sem ser um documento histórico, também se relaciona com a realidade. É justamente este diálogo mimético que possibilita a identificação de inúmeros leitores com a narrativa das personagens, seja de forma direta ou pelos paralelos com a história de familiares.

Isto se deu inclusive com o próprio autor que, em entrevista para a Forbes⁴, conta que quando o romance lhe veio à mente pela primeira vez ainda na adolescência nunca havia tido uma relação estreita com o campo a não ser pela trajetória de vida do pai e dos avós. Acrescentou ainda que *Torto Arado* só ganhou dimensão e abordagem mais séria

3 RODA Viva | Itamar Vieira Junior | 15/02/2021. 1 Vídeo (1 hora, 31 minutos e 51 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mu9iUc2UHBQ>. Acesso em: 06 mai. 2021.

4Forbes, 6 de Junho de 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformou-andancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/>. Acesso em: 07 jun. 2021.



de temas como escravidão, racismo, machismo e perpetuação do colonialismo conforme amadureceu em seus quinze anos de trabalho como geógrafo. Estes relatos auxiliam a fundamentar o traçado entre Geografia e Literatura em sua obra, além de ser uma evidência da mimesis na mesma, uma vez que apenas a partir desse contato com o real através de suas lentes geográficas é que foi possível articular seu texto literário com o devido enriquecimento.

Então, quando falamos em relações miméticas nos referimos às compreensões geográficas possíveis através das abordagens da obra literária, afirmando ainda que estas interpretações partem da rememoração externa à obra por parte do leitor e não da intenção criativa do autor. É neste sentido que nos utilizaremos de abordagens geográficas para desvendar algumas das estreitas relações das personagens com a Terra e com a centralidade de seus Corpos na ficção de Itamar Vieira Junior, não no intuito de assemelhá-la à realidade, mas por entender que ainda que possua relações de semelhança com esta última, o romance vai além e cria uma diferença com variação interpretativa e riqueza criativa a partir da mimesis.

Iniciando nossas discussões temáticas, uma atividade fundamental para a compreensão da relevância da terra na narrativa é o trabalho, em especial aquele que depende essencialmente da terra e que mantém a vida de todo dia. Essa relação entre trabalho e terra, inclusive, ao criar conhecimentos sobre o espaço em que se trabalha e aos grupos trabalhadores, é um dos motivadores do desenvolvimento de senso de pertencimento e identidade até mesmo na esfera étnica, mobilizando então reivindicações pelo uso da terra e pelos direitos sobre a mesma.

No que tange a esses saberes, é possível encaminhar o raciocínio no sentido de que o trabalho vai além do que se refere às atividades agrícolas, e alcançando o cotidiano incorpora também as práticas do jarê e os partos, por exemplo. Inclusive, iniciamos nossas abordagens a partir do conteúdo de “Torto Arado” trazendo à tona o quanto os trabalhos do jarê e dos partos se encontram ativamente interligados na narrativa.

Assim, os nascimentos de Água Negra, espaço onde se dão os principais acontecimentos do enredo, eram viabilizados com a orientação do encantado Velho Nagô, importante entidade para a religiosidade do jarê. Vale elucidar que há também neste trabalho uma relação de gênero, como explicita a transferência de responsabilidade da atividade parteira demonstrada no trecho abaixo:



Naquele tempo, minha mãe já havia assumido em definitivo o ofício de parteira. Meu pai, que era o parteiro até então, transferiu a responsabilidade para Salu. A formalidade do homem simples e cavalheiro se refletia na vergonha que sentia diante das mulheres de seus compadres e filhos de santo. Tudo isso o fizera designar minha mãe para a lida com os nascimentos. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p.56)

Os pais de Bibiana e Belonísia, personagens principais, demonstram grande relevância para o desenrolar da trama, sendo a mãe Salustiana uma grande referência e o pai Zeca Chapéu Grande líder e curador de Água Negra. No trecho acima, evidencia-se que apesar da figura paterna assumir também a função de curador, de grande centralidade no jarê, e ter recebido a incumbência dos partos após a morte de sua mãe Donana, Zeca prefere repassar o ofício do parto para uma mulher, no caso sua esposa. Demonstra-se assim o caráter corporal desses trabalhos, pois o corpo do parteiro media o trabalho do encantado e o corpo feminino que realiza o trabalho de parto acaba por constranger a figura masculina.

Isto se dá não exclusivamente pelo corpo feminino em si, mas por aquela mulher ter relação direta com outro homem a quem o curador possui relações de lealdade. Assim, por mais que evidentemente não seja um contexto sexual, há uma associação do corpo feminino a uma figura masculina.

Este corpo de mulher pare também um outro ser, encarado como futuro trabalhador pelo proprietário. Para explicitar esta relação é importante compreender a morada de condição que é a base da situação de vida dos moradores do livro. No livro, este sistema se caracteriza pela relação de lealdade entre morador e proprietário, bem como uma relação de trabalho como troca pela moradia. Outras condições também podem ser adicionadas, como a de não construir casas com material permanente conforme a situação das personagens moradoras de Água Negra. Mas essa relação de lealdade também pode vir a constituir em constrangimento, ao materializar-se como servidão a partir das hierarquias impostas, como demonstrar o trecho a seguir:

Vi a vergonha de meu pai crescer diante de nós, sem poder fazer nada. Zeca Chapéu Grande era um curador respeitado e conhecido além das cercas de Água Negra. Mas ali, sob o domínio da família Peixoto – que quase não colocava os pés por lá a não ser para dar ordens, pagar ao gerente e dizer que não poderíamos fazer casa de tijolo – e de Sutério, sua lealdade pela morada que havia recebido no passado, quando vagava por terra e trabalho, falava mais alto. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p.85-86)

Ao passar por uma situação de seca e baixa produção, Zeca se vê obrigado a entregar parte do que seria alimento de seus filhos para Sutério que recolhia o “combinado” pela



morada para a família Peixoto, proprietária da terra, mas que não a vivia, apenas se beneficiava do trabalho de seus reais moradores. Assistir desde a infância essas situações acabou por criar uma condição compartilhada e desenvolver ideais nas gerações mais jovens da narrativa, contribuindo para o fortalecimento das demandas de ampliação de direitos de uso da terra.

Neste seguimento, este mesmo trabalho na terra pode vir a se qualificar enquanto luta por dar valor às experiências que embasam as demandas do povo. Então, a identidade quilombola aparece associada ao trabalho, à luta e ao movimento em direção aos seus direitos de moradia através do pertencimento pelas origens familiares.

Na obra literária, a identidade quilombola desperta para as personagens através das gerações, influenciando os mais jovens no pensamento dos mais velhos que começam a resgatar momentos de suas vidas que reforçam essa identidade na história tanto de Água Negra quanto de outros espaços que ocuparam no movimento de suas vidas. Um exemplo disso é quando em diálogo entre Bibiana e sua mãe Salu, esta última começa a se recordar de sua experiência em Lagoa Funda:

Nunca houve escravo naquela terra. Todos se consideravam livres, e hoje eu penso nas coisas que o finado Severo, seu pai, dizia: se os negros vieram para o Brasil para ser escravos, Lagoa Funda deve ter começado com o povo que fugiu de alguma fazenda ou ganhou liberdade de algum fazendeiro. Mas ali ninguém quis falar sobre isso. Todo mundo nascia livre, sem dono. Apagaram lembrança do cativo. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p.228)

Apesar de Salu especular que Lagoa Funda deve ter começado com um povo escravizado liberto ou fugido de alguma fazenda, ali ninguém se reconhecia enquanto escravizado em momento algum. Assim, apagar essas memórias pode ter se dado pela sobreposição da construção de lembranças recentes da identidade de um povo livre de fortes relações e cercado de sua riqueza cultural. Mas além disso, esse apagamento das memórias do cativo também podem ter se dado pela tentativa de esquecer o sofrimento, como Bibiana aponta após o relato da mãe, em uma consequência do trauma.

Assim, vê-se um passado colonial materializado pelas relações de classe, como apontamos acima ao elencar a hierarquia proprietário-trabalhador nas dinâmicas de trabalho na terra, mas principalmente através do racismo. A obra estudada possui abordagens acerca da questão racial que vão se explicitando conforme se avança na leitura. Assim, em um momento em que observa as falas de Severo sobre o direito ao



uso da terra, inevitavelmente Belonísia em sua narração relaciona-lhes ao passado desde o tráfico de pessoas do continente africano para o americano com o intuito de escravizá-las:

Era o medo de quem foi arrancado do seu chão. Medo de não resistir à travessia por mar e terra. Medo dos castigos, dos trabalhos, do sol escaldante, dos espíritos daquela gente. Medo de andar, medo de desagradar, medo de existir. Medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor. Que não gostassem de seus filhos, das cantigas, da nossa irmandade. Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. Por isso espalhavam o medo. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p.178)

É possível perceber então que os medos coloniais vão além da escravização e permanecem enquanto um trauma até as gerações do presente narrativo. Medos esses que se materializavam na possibilidade de rejeição a partir do corpo e da cultura negra.

Mas além dos medos, há também a resistência através do pertencimento, que como encaminhamos anteriormente se dá pela identidade quilombola, mas também pelas associadas relações de parentesco. Estas relações se dão associadas à terra, mas é importante perceber que esta não é qualquer terra: é a terra de Água Negra.

Nesta terra, há intensas relações de parentesco, trazendo assim à tona a família, e sendo este um assunto muito extenso, escolheremos abordar o tema das trocas matrimoniais e como ele se estabelece a partir do corpo. Pensamos o trabalho no campo das personagens a partir da lógica do trabalho familiar. Ao ler as passagens relativas, é notável a divisão de trabalho conforme o gênero que estão associadas às expectativas sociais de resistência corporal.

É inevitável então conhecer o trabalho de Maria Ignez Paulilo (1987) e não fazer uma associação com suas ideias sobre trabalho “leve” e “pesado”. Evidencia-se, no entanto, que não há a intenção de afirmar que o autor se utilizou destas ideias para construir o texto, mas sim de fazer uma analogia para aprofundar nossa interpretação acerca da questão. Assim, a autora coloca que nesta divisão do trabalho por gênero se espera que o homem faça o trabalho dito pesado – que requer grande força física - e a mulher o trabalho dito leve – oposto ao apresentado anteriormente e, portanto, rejeitado pelos homens. É importante trazer à tona que as mulheres também realizam os “trabalhos pesados”, mas não recebem o reconhecimento por serem atividades atreladas pelo coletivo à esfera masculina.



Acrescenta-se ainda que este trabalho na terra também tem seus resultados materializados no corpo, em especial no corpo feminino, como demonstrado pelo momento narrativo em que Maria Cabocla, uma vizinha, chega de repente à casa de Belonísia demonstrando sinais de medo em relação ao marido:

Maria estava magra, parecia ter uma fome permanente. Seu corpo miúdo tinha manchas púrpuras, era possível ver à luz do dia. Mulher bonita, mas maltratada, minha mãe diria. Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, umas atrás das outras, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas. Em pé, olhando Maria sentada na cadeira, vi seus seios pequenos, subindo e descendo na inquietude de sua respiração desolada. Me senti compadecida de sua situação e com vontade de dividir o pouco almoço, mas me contive porque ainda dava importância à reação de Tobias. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p.119)

Assim, evidencia-se que a demanda do trabalho atinge a beleza esperada pelas representações de juventude, resultando na figura denominada maltratada. E mais que marcas do trabalho no campo, que movimenta e honra seus dias, e do trabalho de parto e cuidado os filhos, há as marcas da violência doméstica representada pelas manchas púrpuras no corpo de Maria.

Além disso, há as marcas no psiquismo tanto desta personagem, quanto no de Belonísia que recebe um gesto autêntico de cuidado pela alimentação devido à possível reação de seu próprio marido Tobias. Outra questão relevante é que, conforme a respiração de Maria Cabocla evidenciada pelo cadenciar desolado de seus seios, através da descrição, são reveladas as marcas psíquicas que se fazem presentes no corpo.

Desta forma, a partir dos temas tratados em “Torto Arado” buscamos evidenciar as relações miméticas que trazem à tona os entrelaçamentos geográficos entre corpo e terra. Essa literatura permite demonstrar como são estreitos os laços entre as relações de raça, gênero e classe, e como se colocam no espaço agrário, a ponto de não ser possível fazer uma divisão estrita de como cada uma dessas questões se coloca na narrativa. Essa percepção evidencia ainda mais a riqueza textual do trabalho de Itamar Vieira Junior, que é tecido por sua própria trajetória e dialoga vivamente com a dos seus leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado, é possível observar a riqueza de temáticas e abordagens geográficas dentro do livro Torto Arado. Com base nas metodologias



apresentadas, estabelecemos nossas discussões para traçar de que forma a mimesis se estabelece na obra buscando então apontar o papel deste conceito na realização dessa escrita original, que impressiona críticos e leitores ao captar as raízes do Brasil, transformando-se em um denominado clássico contemporâneo por sua relevância que desde já parece atemporal.

Demonstramos como a Terra e o Corpo admitem centralidade na narrativa e contribuem para o encantamento da experiência de leitura, aproximando a arte literária e a ciência geográfica e indo além de projetos modernos colonizadores. É neste sentido que o trabalho de Itamar Vieira Junior se mostra tão relevante para a comunidade científica, artística e para a sociedade como um todo: sua poética política comunica, encanta e mobiliza transcendendo fronteiras de saber.

O autor com trajetória geográfica consolidada, dá largos passos no campo literário, e se coloca como alguém cujas realizações e potencial não se podem perder de vista. Assim, não é possível pensar na obra literária *Torto Arado* sem pensar na formação teórica e empírica de Itamar no seio da Geografia. Mediadas pela mimesis, suas lentes geográficas permeiam poeticamente todas as suas palavras.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Dau (Org.). Luiz Costa Lima: uma obra em questão. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- DARBY, Henry Clifford. O Problema da Descrição Geográfica. São Paulo: **Confins**, N.44, 2020.
- COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª reimp., 2006.
- COSTA LIMA, Luiz. O Imaginário e a Imaginação. In: COSTA LIMA, Luiz. **O Controle do Imaginário e a Afirmação do Romance: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FERNANDES, Márcio Luis. Um Outro Horizonte em Busca da Humanização da Geografia. Niterói: **Geograficidade**, V.4, N.1, 2014.
- HISSA, C. E. V.; GERARDI, L. H. O.. Imagens da Geografia Contemporânea: Modernidade, Caos e Interação dos Saberes. In: GERARDI, L. H. O.; MENDES, I. A. (Orgs.). **Teoria, Técnica, Espaços e Atividades: Temas da Geografia Contemporânea**. Rio Claro: AGETEO, UNESP, p.7-20, 2001. 432p.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A Mobilidade da Fronteiras: Inserções da Geografia na Crise da Modernidade**. Editora UFMG, 2002.
- LISTA Nielsen-PublishNews de Ficção de 28/03/2021. PublishNews. São Paulo, 28 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/nielsen/1/2021/3/28/0/0>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- MACKINDER, Halford J. Geography, an Art and a Philosophy. *Geography*, vol. 27, n° 4, 1942.



MARCHESE, Giulia. **Del cuerpo en el Territorio al cuerpo-territorio: Elementos para una genealogía feminista latinoamericana de la crítica a la violencia.** EntreDiversidades, n°2, vol. 6, 2019.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **"O peso do trabalho leve"**. Ciência Hoje, Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev. 1987.

RIBEIRO, Guilherme. Mito e Ciência nas Interpretações sobre Paul Vidal de La Blache. Fortaleza: **Revista Mercator**, V.13, N.2, 2014.

RODA Viva | Itamar Vieira Junior | 15/02/2021. 1 Vídeo (1 hora, 31 minutos e 51 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mu9iUc2UHBQ>. Acesso em: **06 mai. 2021.**

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Trabalhar é tá na luta: Vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina.** Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2017. 300 f.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado.** 1 ed, 8ª reimp. São Paulo: Todavia, 264 P., 2021 [2019].

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Como Itamar Vieira Junior transformou andanças de 15 anos pelo Nordeste no livro mais vendido do Brasil. Entrevista concedida a Mariana Weber. Forbes, 6 de Junho de 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformou-andancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/>. Acesso em: **07 jun. 2021.**